



Revista Estética
CEDE – Coletivo Estudos de Estética
ECA USP

São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

2020 | 21 | art5 | O Design do Povo – Carroças e Carroceiros de São Paulo | Robson A. Santos

O Design do Povo – Carroças e Carroceiros de São Paulo

Robson A. Santos¹

Resumo

O presente artigo propõe um olhar para o design de carroças de coletores de materiais reciclados na cidade de São Paulo, parte da pesquisa para a tese de doutoramento em Design, da Universidade Anhembi Morumbi, concluída em agosto de 2019. A partir da junção de design com cultura popular, chegou-se ao conceito de Design do Povo, aplicado na interpretação dos fazeres destas pessoas, que vivem da coleta para seu sustento, moradores de rua ou de comunidades, que constroem suas carroças com materiais descartados, convertidos em matérias-primas e, com isso, praticam o design de forma cotidiana, tornando-se designers em sua vida, ainda que não tenham formação técnica para isso.

Palavras-chave: Design, Cultura, Povo, Criatividade, Carroceiros

Abstract

This article proposes a look at the design of recycled material collector carts in the city of São Paulo, part of the research for the PhD thesis in Design, from Anhembi Morumbi University, completed in August 2019. From the junction of design with popular culture, we came to the concept of People's Design, applied in the interpretation of the actions of these people, who live from the collection for their livelihood, homeless people or communities, who build their carts with discarded materials, converted into raw materials and, with that, they practice design on a daily basis, becoming designers in their life, even though they don't have technical training for it.

Key-words: Design, Culture, People, Creativity, Wagons

Introdução:

Pelas ruas da capital paulista é comum vermos, em meio ao trânsito caótico, carroças construídas de diversos materiais coletados pelas mesmas ruas, no lixo, descartados por aqueles que já não lhes veem uso ou função.

¹ Professor Universitário, Doutor em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pedagogo pela UNISA, Ator, Contador de Histórias, Educador Brincante, Escritor, Pesquisador de Cultura Popular e Design do Povo.



As carroças, veículos de tração humana, criadas a partir desses materiais heteróclitos, descartados e convertidos em matéria-prima são objeto deste artigo sobre o Design do Povo², sobre o qual discutiremos a seguir.

Design do Povo é o conceito resultante da tese defendida em agosto de 2019 para o programa de pós-graduação stricto sensu em Design da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Mae Barbosa.

O processo de pesquisa buscou a junção de conceitos inerentes à área de design e outros da cultura popular, observando nas ruas de São Paulo a construção de carroças pelos coletores de materiais reciclados; construção esta utilizando materiais de descarte – lixo, popularmente falando – como matéria-prima para suas carroças.

Levando em conta o ato de fazer, transformar, construir, desenhar, projetar, termos estes que fazem parte da etimologia e do ideário do design, apontamos que todos somos designers, corroborando da premissa apontada por Donald A. Norman em seu livro “Design Emocional”

Todos somos designers. Nós manipulamos o meio ambiente para que ele sirva melhor às nossas necessidades. Seleccionamos que coisas queremos comprar e quais teremos ao nosso redor. Construimos, compramos, arrumamos e reestruturamos: tudo isso é uma forma de design. [...] Por meio desses atos pessoais de design, transformamos as coisas e espaços de outro modo anônimo e ordinários da vida quotidiana, em nossa próprias coisas e lugares. Por meio de nossos designs, transformamos casas em lares, espaços em lugares, objetos em pertences. Embora possamos não ter controle sobre o design de muitos objetos que compramos, temos controle real sobre quais seleccionamos e como, onde e quando eles deverão ser usados. (NORMAN, 2008, p. 254-255)

Diante do exposto, o ato de fazer, comum a todos os seres humanos, constitui-se num fazer do design, na criação, na transformação de objetos oriundos do design industrial ou daqueles que, descartados, são corrompidos, perdendo seu uso projetual para, nas mãos de outras pessoas, com ou sem formação na área de design, se tornam designers, criadores de objetos e utensílios para o seu cotidiano.

Para completarmos esta primeira reflexão faz-se necessário buscar a etimologia da palavra design, o que traz maior aporte para o que apontamos anteriormente.

² Optou-se pela grafia maiúscula de Design do Povo, para diferenciar da área de design e por se tratar do conceito desenvolvido na pesquisa de doutorado concluída em 2019.



Segundo Rafael Cardoso (2008), o vocábulo design tem sua origem imediata na língua inglesa referindo-se tanto a ideia de plano, desígnio, intenção, estrutura, um arranjo ou a uma configuração. A ideia de projeto está embutida na configuração do termo design, uma vez que, conforme observamos, dentre suas ideias está plano e configuração, elementos que podemos associar à projeto.

Ainda segundo Cardoso (2008), a origem mais remota da palavra, vem do latim *designare*, verbo que abrange tanto o ato de desenhar quanto o de designar.

Refletindo sobre as duas origens podemos apontar que design pode ser associado a um produto, a um projeto, a um desenho ou ainda a um processo. Esta ideia é importante para pensarmos na trajetória etnográfica que escolhemos tendo como objeto de estudo a carroça dos coletores de papel e outros objetos feitos pelo povo, pelo designer ou pelo não-designer, aquele que não tem formação na área e, portanto, não domina o ofício, em teoria, propondo e executando soluções populares com objetos e materiais de uso cotidiano para sua problemática, associando este design com a cultura popular.

Ainda na tentativa de propor reflexões sobre o termo design, Flusser indica que este se refere tanto a um substantivo quanto a um verbo e que

como substantivo significa, entre outras coisas, “propósito”, “plano”, “intenção”, “meta”, “esquema maligno”, “conspiração”, “forma”, “estrutura básica”, e todos esses e outros significados estão relacionados a “astúcia” e a “fraude”. Na situação de verbo *to design* - significa, entre outras coisas, “tramar algo”, “simular”, “projetar”, “esquematar”, “configurar”, “proceder de modo estratégico” (FLUSSER, 2013, p. 181).

Para este autor, o designer poderia ser considerado um embusteiro, aquele que consegue enganar a natureza, fazendo uso da técnica para tal fim. Desta forma, ao criar, projetar ou desenvolver determinado objeto, por exemplo, está fazendo isso para colocar a natureza a seu serviço ou ainda, dito de forma popular, aos seus pés. A criação do design pelo ser humano, associado por Flusser a máquinas, técnica e arte coloca o lugar do design entre a arte e a técnica, como um elemento que permite “enganar a natureza por meio da técnica, substituir o natural pelo artificial e construir máquinas de onde surja um deus que somos nós mesmos. (FLUSSER, 2013, p. 184).



Em Krucken (2009), encontramos alguns significados para a palavra design tendo como fonte o dicionário Merriam Webster (2007),

1. criar, dar forma, executar ou construir de acordo com um plano; 2. Conceber e planejar mentalmente; 3. Desenvolver (algo) para uma função o meio específico; 4. Indicar com uma marca, sinal ou nome distintivo; 5. Fazer um desenho, modelo ou esquema para; desenhar planos para (um prédio, por exemplo); 6. Conceber ou executar um plano; 7. Desenhar, projetar ou elaborar um projeto (KRUCKEN, 2009, p. 43)

Percebe-se que o design tem uma forte relação com o desenvolvimento, o projeto e a criação de soluções que abarcam, desta forma, transformações e inovações tanto socioculturais quanto tecnológicas (KRUCKEN, 2009), o que compactua com a investigação ora desenvolvida.

Segundo a International Council of Societies of Industrial Design – ICSID (apud KRUCKEN, 2009, p. 43)

Design é uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer as múltiplas atividades dos objetos, processos, serviços e seus sistema em todo o seu ciclo de vida. Portanto, o design é um fator central para a humanização inovadora das tecnologias e um fator crucial para a troca econômica e cultural.

Ainda que não se tenha a formação técnica necessária profissional de design, o designer, representante do que chamamos de “design industrial”³, o ser humano, em virtude de suas necessidades, utiliza-se da tecnologia que tem às mãos para criar aquilo que poderá resolver a problemática premente. Este olhar nos aponta a necessidade de pensar, em conjunto com o design, o que é tecnologia, dissociando-a do senso comum como sinônimo de máquinas ou ainda informática.

E para isso, ao buscarmos um significado para a palavra tecnologia, apontamos sua origem pela junção de dois vocábulos gregos – *techné* + *logos*, onde *techné* significaria arte com o seu equivalente latino *ars*, com o significado inicial de “manobra”, apontado para o sentido de “articulabilidade” ou “agilidade” conforme nos aponta Flusser (2013).

³ Optou-se por chamar design industrial aquele oriundo de designers, profissionais da área, com formação técnica e metodologias utilizadas profissionalmente para seu trabalho.



São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

Além dos olhares para cultura, design e tecnologia, buscamos aporte na sociologia, antropologia e outras áreas para determinar o que seria povo em nossa pesquisa e encaminhamentos para a construção do conceito proposto.

Propomos, para esta pesquisa, o recorte do povo urbano, contemporâneo, que vive na cidade de São Paulo, com ou sem educação formal na área de design ou outras afins, que faz uso de práticas e técnicas populares, gambiarras na maioria das vezes, para produção de produtos que solucionem e atendam suas necessidades.

O povo, encontrado pela prática de campo, para o desenvolvimento desta pesquisa se apresenta como:

- Pessoas de ambos os sexos, analfabetas ou com baixa escolaridade; em sua grande maioria migrantes, moradores de rua ou de comunidades, vivendo de subempregos ou da coleta de materiais recicláveis (carroceiros);
- Pessoas de ambos os sexos, com ou sem formação técnica (em nível médio) ou ainda com formação universitária em diversas áreas ou na área de design.

O povo, aqui se caracteriza pelos seus fazeres, objetos criados a partir de técnicas e práticas populares com a finalidade de atender a necessidades presentes e prementes em sua realidade; criações que não se valem apenas de práticas projetuais aceitas e implementadas pela área e profissionais do design, mas também daquelas resultantes de um pensar projetual, empírico, a fim de organizar materiais e ideias para esta ou aquela confecção.

Em nossa visão e observação do povo, ainda que busquemos, para esta pesquisa etnográfica e iconográfica, os fazeres na e da periferia urbana, entendemos que tais práticas se fazem presentes, em todas as classes e estratificações socioculturais.

Assim, entendemos por Design do Povo o resultado da criação do povo, envolvendo profissionais de áreas diversas, além do design ou ainda, sem formação técnica ou escolar, que faz uso de saberes aprendidos na imitação, no convívio, na e da prática, para a solução das problemáticas encontradas no seu contexto sociocultural, utilizando para isso uma forma de inteligência prática, uma organização projetual empírica de sua forma de pensar e técnicas e materiais presentes em sua realidade e domínio.

Apontamos o Design do Povo como fruto da produção de todo aquele que, com ou sem a formação técnica como designer, pode e faz uso de técnicas e práticas projetuais para produção



São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

de objetos, arranjos (gambiarras) para a solução de problemas surgidos e enfrentados em seu cotidiano ou ainda para a substituição de produtos e/ou satisfação de desejos por produtos de consumo, muitas vezes, financeiramente distantes de sua condição.

E neste recorte, para o presente artigo, nos debruçamos na figura do coletor de materiais reciclados, popularmente chamados de carroceiros que faz uso de materiais de descarte para construir o veículo que lhe dará a possibilidade de sustento pela venda dos materiais que não agrega em sua carroça.

Neste universo, encontramos como sujeitos de nossa pesquisa, homens e mulheres (homens em maior número), na sua maioria migrantes de outros estados, moradores de rua ou comunidades, tanto em bairros periféricos ou centrais, que fazem do ofício de catadores de sucata o seu trabalho e sustento.

São pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, dotados de inteligência prática (*métis*) (DÉTIENNE. VERNANT, 2008) utilizada na construção de sua carroça, na organização dos materiais em seu interior (para que caiba mais), na confecção de outros objetos ou ainda para o cálculo simples utilizado na negociação dos produtos coletados.

Apontamos aqui a presença de estratégias práticas para cálculo, focadas no uso do dinheiro, em situações de negociação com ferros-velhos na compra dos materiais coletados.

Percebemos nas entrevistas que os carroceiros têm consciência dos valores pagos e da probabilidade de ganhos com seu trabalho nas ruas, fazendo cálculos simples, “de cabeça”, a fim de não serem “enrolados” pelos compradores.

Uma vez que “o sistema produtivo não apenas consome recursos, mas também devolve ao meio ambiente quantidades crescentes de materiais na forma de resíduo” (DEMAJOROVIC e LIMA. 2013, p. 19), os catadores têm grande importância para sua manutenção, sendo vistos como “agentes efetivos da coleta seletiva” (Id., p. 63).

O coletor de sucata ou catador de materiais recicláveis é um profissional que coleta, seleciona e vende materiais recicláveis (papel, papelão, plástico, metais, vidros, etc), cadastrado no CBO (Código Brasileiro de Ocupação) pelo número 5192-05.

Segundo o CBO, não há exigência de formação ou escolaridade para o exercício desta ocupação.

O acesso ao trabalho é livre, sem exigência de escolaridade ou formação profissional. As cooperativas de trabalhadores ministram vários tipos de treinamento a seus cooperados, tais como cursos de segurança no



São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

trabalho, meio ambiente, dentre outros. A(s) ocupação(ões) elencada(s) nesta família ocupacional demanda formação profissional para efeitos do cálculo do número de aprendizes a serem contratados pelos estabelecimentos, nos termos do artigo 429 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, exceto os casos previstos no art. 10 do Decreto 5.598/2005 (CBO, 2010, p. 805).

O mesmo documento apresenta as condições gerais para o exercício da ocupação.

O trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas. Trabalham para venda de materiais a empresas ou cooperativas de reciclagem. O trabalho é exercido a céu aberto, em horários variados. O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente na manipulação do material, a acidentes de trânsito e, muitas vezes, à violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triador e enfardador de sucatas (CBO, 2010, p. 805).

Durante as entrevistas, coletamos alguns depoimentos acerca da construção das carroças:

O material, completamente que eu usei no dia-a-dia foi da rua, do lixo, da rua. Que o pessoal das loja, vai fazer uma reforma, joga umas placa, joga um fio, joga uma tomada, eu vou lá e vou... reuso e coloco no carrinho que eu faço para podê dá energia pra sociedade usá. [...] Acabamento, completamente, eu usei muitas placa, eu usei, completamente, muitas placa, aquele zinco, foi o rapaz que trabaia, trabaia lá na obra que eu tava ficando, quer dizê, fez tudo isso daqui pra mim. Recortá... modelô tudo pra mim, eu fui lá e aproveitei. Fora umas placa que já tava cortada, que eu usei né? Eu usei, já fiz, completamente. Eu peguei da Virada Cultural. As ferragens que ia pro lixo. As solda eu paguei a mão de obra. Setecentos reais de mão de obra pra fazer para mim. Entendeu? Aí foi aonde eu consegui... eu consegui fazê um carrinho novo, completamente, um carrinho novo, completamente, foi onde eu consegui pra cê tê ideia. Então, aí, a pessoa fala, ah, não tem jeito... claro que tem, o próprio material que você joga na rua, você pode fazê uma... uma arte, você pode fazê, depende da arte que você vai usá, completamente (LUCENA, carroceiro e catador, 33 anos, 2017).

É eu mesmo que faço. [...] Ah, quase tudo de madeira. Só compro as rodas e mando o soldador soldá o eixo de moto... é... no ferro e aí o resto eu monto de madeira (RIBEIRO, carroceiro e catador, 56 anos, 2018).

Essa carroça eu fiz. Uma geladeira que eu tirei o isopor. Aqui é um batente de porta... tá vendo aqui ó? A base... Essa aqui é de outra



São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

geladeira. Mas eu tô na luta né? O eixo é um cano de... Um cano que é usado em casas antiga, cano de água. Eu paguei pra furá aqui na Ibiapau. Um serralheiro para podê furá. Botei um prego ali ó, prá não deixa a roda sai. Joguei a geladeira em cima (COSTA, carroceiro e catador, 47 anos, 2018.)

Para a base das carroças parte do uso de carcaças de geladeiras ou máquinas de lavar, armações feitas de canos de ferro, soldados. São estes mesmos ferros que, em algumas carroças serão o eixo para os pneus, que variam entre pneus de automóveis ou de motocicletas. Outros usam eixos de automóveis comprados ou trocados nos próprios ferros-velhos onde comercializam a coleta do dia.

Um elemento comum à maioria das carroças é o sistema de freio, confeccionado com pedaços de borracha de pneu, colocados na parte traseira da carroça que variam em sua configuração com apenas um freio ou com dois.

As borrachas funcionam impedindo que a carroça derrape em descidas, auxiliando seu manuseio e contribuindo para a segurança do carroceiro, além de impedir colisões com os veículos que circulam nas ruas.

O freio é borracha memo, dos pneu dos carro que você acha no dia a dia por aí jogado. Você pega, corta e faz os freio. Completamente, eu, completamente, eu troco, de seis em seis mês, porque como eu ando muito, eu pego muita descida, eu gasto muito. É só pra descida. Pra quando você tivé descendo, você segurá o freio pra você num cumê o ferro. Porque quando desliza o ferro no asfalto, ele começa a cumê e começa a sai fásca de fogo e o que acontece? Com o tempo não tem nem a trasera mais, já comeu tudo (LUCENA, carroceiro e catador, 34 anos, 2017)

Queremos chamar a atenção para os freios da carroça construída por Rodrigue Lucena (figura 01) que, diferentemente de outros carroceiros ou carroceiras pesquisadas, usa um pneu de automóvel inteiro dividido em três partes para ter maior aderência e durabilidade do freio.



Figura 02: Sistema de Freios - Lucena

Fonte: acervo do pesquisador, 2018.

Nem todos os catadores são os construtores de suas carroças. Mas, mesmo sem construir sua estrutura básica, bricolam seu veículo com aquilo que encontram no lixo ou no seu trabalho de coleta, alterando sua configuração, como a decorarem ou aprimorarem a forma de trabalhar, dando sua identidade às carroças, seus instrumentos de trabalho, moradia ou abrigo.

Apontamos a questão da bricolagem, enquanto decoração e formação de identidade da carroça como uma forma de sair da invisibilidade que lhes acomete, tornando seu veículo visível àqueles que por ele passam.

A decoração com pinturas e/ou colocação de objetos, torna a carroça visível no contexto urbano, chamando a atenção para sua estética popular, transmutando-se de veículo para um objeto artístico.

Objetos descartados tornam-se elementos decorativos, penduricalhos que transformam a carroça, dando-lhe uma visibilidade maior, justamente por se tornarem suportes para uma coleção de objetos heteróclitos que, associados, configuram-se em um todo expositivo, resultado da criação, do olhar estético e do desejo do carroceiro, conforme figura 02.



Figura 02: Carroça de Renato Firmino

Fonte: acervo do pesquisador, 2017.

Então, carroceiros ou carroceiras, se tornam os designers de suas carroças, imprimindo a sua identidade ao seu produto, à sua obra.

Considerações Finais

Embora a tese tenha sido concluída, a pesquisa segue em andamento, buscando ampliar o olhar para o conceito de Design do Povo, buscando no aporte fotográfico, valendo-se da praticidade do uso da câmera e, na pesquisa etnográfica, usando o gravador de áudio deste mesmo aparelho, para documentar carroças, carroceiros e outros expoentes que podem ser classificados no conceito do Design do Povo

Ao observarmos estas pessoas como designers podemos entender e fortalecer a proposição de Norman com a qual iniciamos este artigo. Se somos todos designers, atuamos criativamente no mundo em que vivemos, na sociedade que habitamos, imprimindo nossos fazeres e, intencionalmente, criando aquilo que precisamos para ajustar a realidade ao nosso serviço, de forma a melhor aproveitar os materiais que nos são legados, quer industrialmente, na



Revista Estética
CEDE – Coletivo Estudos de Estética
ECA USP

São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

compra dos mesmos, ou a partir do seu descarte e da sua obsolescência, se convertem em matéria-prima para projetos, desenhos, desejos e desígnios, de forma a, como o designer das palavras de Flusser (2013) enganar a natureza, agir como um embusteiro, capaz de enganar a natureza, fazendo uso da técnica para tal melhor viver.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à História do Design**. 3.ed. São Paulo: Blucher, 2008.

Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

COSTA, José Ramos. **Entrevista concedida a Robson Alves dos Santos**. São Paulo, 26 de agosto de 2018.

DEMAJOROVIC, Jacques. LIMA, Márcia. **Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores**. São Paulo: SENAC São Paulo. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

DÉTIENNE, Marcel. VERNANT, Jean Pierre. **Métis – As astúcias da inteligência**. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

FLUSSER, Vilem. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2013

KRUCKEN, Lia. **Design e Território: Valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LUCENA, Rodrigo de Souza. **Entrevista concedida a Robson Alves dos Santos**. São Paulo, 19 de novembro de 2017.

NORMAN, Donald A. **Design Emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.



Revista Estética
CEDE – Coletivo Estudos de Estética
ECA USP

São Paulo, n. 21, jul-dez. 2020

RIBEIRO. José Batista. **Entrevista concedida a Robson Alves dos Santos**. São Paulo, 05 de agosto de 2018.